



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, no encerramento da Cúpula América do Sul – Países Árabes

Hotel Blue Tree, Brasília-DF, 11 de maio de 2005

Diferentemente do Chávez, eu prometo ser breve, muito breve.

Primeiro, quero dizer a todos vocês, que vieram dos seus países a convite do Brasil, do Mercosul e da América do Sul para participar deste evento, quero que saibam que é profundo o respeito e a admiração que eu tenho pelo gesto de vocês.

Eu mesmo já deixei de ir a algumas reuniões importantes, mas quando vai um representante meu, seja o meu chanceler ou outro funcionário qualquer, ele vai com procuração do Presidente da República para fazer o que tiver que ser feito, porque nós não temos tempo a perder.

Por isso meus agradecimentos a vocês.

Quero agradecer aos nossos chanceleres e à diplomacia de todos os países participantes desta Cúpula. Eu, particularmente, sou um crítico feroz da burocracia, mas sem bons burocratas nós erraríamos muito mais do que erramos e faríamos muito menos do que fazemos. E eu sei que realizar esta Cúpula, preparar a declaração, não foi uma tarefa fácil, foi uma tarefa gigantesca. E eu quero agradecer a todos os chanceleres de todos os países que contribuíram para que nós pudéssemos concluir com muito êxito esta reunião.

Quero também cumprimentar a imprensa que veio aqui, de outros países, a imprensa brasileira, porque também tiveram um comportamento altamente civilizado. E poucas vezes eu vi imprensa tão ordeira como essa em eventos internacionais.



Quero agradecer aos funcionários deste hotel que, sem dúvida nenhuma, fizeram todo o possível para que nós tivéssemos um tratamento digno, respeitoso e de boa qualidade.

Quero agradecer às pessoas dos mais diferentes chefes de Estado que trabalharam na sua segurança e também na segurança do hotel e dos eventos, porque muitas vezes nós ficamos incomodados com alguma coisa desagradável que nos aconteça, mas também sem eles seria muito mais difícil exercitarmos o nosso governo.

Quero também desejar ao Presidente da autoridade Palestina e ao povo palestino, toda sorte do mundo para que a gente possa conquistar a paz definitiva.

Eu fiquei impressionado com a conversa que tive com o Presidente da autoridade palestina, pela sua sabedoria e pela sua tranqüilidade em saber que a paz será, sobretudo, um jogo de paciência, como um jogo de xadrez, ao mesmo tempo em que temos pressa de conquistá-la, temos que ter paciência para construir as oportunidades políticas para alcançá-la.

Eu nasci na política brasileira defendendo o Estado Palestino, mas também nunca neguei a necessidade do Estado de Israel, e penso que o ser humano é muito inteligente para aprender que a paz é a única coisa que pode permitir a construção de um mundo harmonioso, democrático e socialmente justo.

Quero desejar ao povo do Iraque toda sorte do mundo. O Brasil foi daqueles países que contestou a ocupação porque entendia que era preciso negociar mais. Agora, o que nós queremos é que o povo iraquiano tenha a possibilidade de reconstruir o seu país, reconstruir instituições sólidas, consolidar a democracia, consolidar o desenvolvimento, porque eu acho que, como outros povos, o povo iraquiano tem o direito de construir a sua própria felicidade e seu próprio país.

Por fim, quero dizer aos meus amigos aqui presentes que se olharmos



este painel tão bonito, que mostra a diversidade cultural deste encontro, cada um de nós, certamente, verá uma coisa nele a ser destacada. Cada um de nós achará defeito em alguma coisa e virtude em outra coisa. É assim que eu vejo este encontro.

Muitas vezes ficamos ansiosos. Nos encontramos tão pouco que quando nos encontramos muitas vezes cobramos de nós mesmos coisas que sabemos ser impossíveis de serem feitas num pequeno espaço de tempo.

Para mim, esta Cúpula tem o sabor da construção de um alicerce, um alicerce qualquer que dará sustentação a uma casa sólida, um alicerce muito forte para dar sustentação a um monumento de relações internacionais que acabamos de concluir com a aprovação da Declaração de Brasília.

Eu acredito que muito mais que as perspectivas comerciais imediatas, muito mais do que qualquer outra coisa que aconteceu nesses dois dias, o mais importante foi que nós nos conhecemos, que nós pudemos perceber o quanto somos parecidos, o quanto temos interesses comuns e o quanto poderemos construir juntos, num mundo onde o rico cada vez fica mais rico e o pobre cada vez fica mais pobre; num mundo em que o conhecimento científico-tecnológico ainda não chegou a todos; num mundo em que, apesar dos avanços da ciência e da tecnologia, um bilhão de seres humanos vão dormir, toda noite, sem ter comido as colorias e as proteínas necessárias ao ser humano.

Poderia aqui citar muitos culpados, e não faltam culpados. Para qualquer lado que olhássemos poderíamos ver um culpado pelas coisas que acontecem no mundo. Mas eu aprendi também, desde pequeno, que antes de condenar alguém, antes de culpar outrem, eu aprendi a me olhar por dentro e saber que as nossas debilidades não são frutos de erros históricos cometidos por gente que, antes nós, governaram os nossos países. Nós temos toda uma história para analisar o que aconteceu em cada um dos nossos países. Eu miro muito no meu país, no século XX. E é por mirar o século XX que eu desejo,



ardentemente, construir um século XXI diferente do que foi o século XX. É possível construir um mundo sem guerras, é possível construir um mundo sem muros e sem fronteiras ideológicas, racistas, preconceituosas, econômicas e culturais. Esse mundo depende mais da nossa cabeça e das nossas atitudes do que das atitudes dos outros.

Esta reunião tem para mim o início de um novo momento histórico nas nossas relações; ela é para mim o início de uma nova era na relação América do Sul, Mundo Árabe; Mundo Árabe, América do Sul; Mundo Africano, América do Sul; Mundo Africano, países asiáticos; ou seja, uma junção dos países que têm similaridade, dos países que têm algo entre si para trocar sem que seja uma mera exploração, países que estejam pensando no comércio internacional como uma mão de duas vias, em que nós precisamos comprar e precisamos vender, e que o equilíbrio dessa relação é a única possibilidade de permitir que cresçamos juntos, porque se apenas alguns crescerem, essa árvore poderá ser muito alta, mas os seus galhos serão frágeis e poderão quebrar com a falta de democracia, com o terrorismo existente por causa da má distribuição da riqueza produzida no planeta Terra.

Eu tenho apenas dois anos e quatro meses de governo. Parecia que quatro anos seriam intermináveis, mas já está terminando. Mais da metade do meu mandato eu dediquei para fazer política internacional. E fazer política internacional porque eu não acredito que exista saída individual para qualquer país do mundo. O país pode ter petróleo, o país pode ter muito minério de ferro, o país pode ter muito ouro, diamante. Tudo isso tem um fim. O que não acabará nunca são as relações sólidas que formos capazes de construir enquanto passamos pelo governo.

E neste encontro, aqui, podem ficar certos que o aperto de mão que vocês se deram, o bom dia, o boa tarde, o boa noite que vocês se deram, os abraços que vocês se deram nesses dois dias vale, possivelmente, para o



futuro que queremos construir, muito mais do que um negócio que façamos no imediatismo das nossas conquistas comerciais.

Quero que vocês, ao saírem do Brasil, tenham a clareza de que o que viram é a mais pura realidade. Há muita similaridade entre os nossos povos, afinal de contas, o Brasil é a segunda população negra do mundo. Só perdemos para a Nigéria, e são poucos os países árabes que têm a quantidade de árabes e descendentes de árabes que moram neste país, que aqui convivem em paz, participam da política, comungam suas religiões sem serem importunados pelo nosso governo e pelo nosso povo, mas respeitados no exercício das suas atividades. Essa gente ajudou a construir este país, essa gente dá uma demonstração da convivência pacífica com o povo judeu, essa gente, portanto, tem muito a nos ensinar, e o que vocês viram aqui, nas ruas de Brasília, é o que vocês verão em qualquer cidade brasileira, em qualquer estado deste país.

Verão gente pobre, verão gente que mora em favelas, verão gente que protesta contra o governo, verão gente das mais diferentes cores, dos mais diferentes credos religiosos, mas uma coisa vocês encontrarão: seres humanos que têm um otimismo extraordinário, que têm uma vontade de estabelecer relação com o mundo como poucos e que acreditam, firmemente, de que somente com paz e democracia nós poderemos construir o mundo que queremos, até porque o mundo que nós queremos precisa de desenvolvimento. O desenvolvimento que nós queremos precisa de investimento em saúde, em educação, precisa de investimento em ciência e tecnologia, precisa de investimento em infra-estrutura, e é por conta desse sonho de construir países desenvolvidos mais justos que nós precisamos nos abraçar, nos dar as mãos e, definitivamente, nunca nos cansar quando olharmos para o mapa e vermos a distância que nos separa, e dissermos: eu não posso ir naquela reunião. Eu digo: vale a pena.

Eu já saí do Brasil a uma hora da manhã para chegar num país às nove,



para fazer uma palestra às dez, para sair de lá às onze e para chegar no Brasil às sete da noite e, mesmo assim, eu digo: vale a pena, porque é esse aperto de mão, é esse abraço, é esse olho no olho que vai permitir que a gente construa no século XXI um mundo mais humano, mais solidário, mais desenvolvido e socialmente mais justo do que o mundo que nós deixamos para trás no século XX.

Muito obrigado a todos, boa sorte ao regressar ao seu país e vamos trabalhar, porque as portas estão abertas.